

## 1

## Jean Piaget: Um Pedagogo?

LUÍSA MORGADO

## INTRODUÇÃO

Jean Piaget escreveu seguramente centenas, senão milhares, de páginas ao longo do seu percurso intelectual sobre questões pedagógicas sem nunca se ter considerado a si próprio um pedagogo ou uma autoridade nesse domínio (Berlinguer, 1977; Parrat-Dayan & Tryphon, 1998). A razão mais provável para uma tal atitude encontra-se, na nossa opinião, no facto de Piaget não ter efectuado investigações experimentais de cariz pedagógico, mas antes de se ter servido para formular as suas opiniões sobre esta matéria, por um lado dos trabalhos de outros autores como Claparède, Ferrière, Montessori, etc., e, por outro, de investigações, na área da psicologia, por si realizadas ou dirigidas. Defensor, como é sabido, de uma forma de conhecimento científico baseado em métodos experimentais e submetido a rigoroso controlo (Piaget, 1965a) é natural que não considerasse os seus comentários no domínio educacional como sendo de natureza científica.

Ao lermos hoje, com um recuo de dezenas de anos, muitos dos seus artigos, relatórios, prefácios e entrevistas torna-se evidente concluir que Piaget apresentou, ao longo da sua obra, não só uma fundamentação teórica para muitas ideias criativas, propostas por outros autores desta área, mas desenvolveu igualmente um pensamento próprio em domínios específicos, para além de ter formulado críticas importantes a determinadas concepções educativas que ainda hoje mantêm a sua actualidade.

São precisamente estes aspectos particulares e por vezes menos conhecidos do pensamento piagetiano que aqui nos propomos pôr em destaque, tendo em vista demonstrar que este autor tem uma perspectiva autónoma sobre questões pedagógicas não devendo por isso a sua obra ser reduzida a um puro referencial epistemológico desta disciplina.

### EDUCAÇÃO: PRINCÍPIOS GERAIS E OBJECTIVOS

O interesse de Piaget pela temática da Educação inicia-se nos anos 20 e encontra a sua explicação, como outros já salientaram (Vidal, 1988; Parrat-Dayan, 1997), no desenrolar da sua vida profissional. De facto, a partir de 1921, Piaget passa a exercer a actividade de investigador, no Institut Jean-Jacques Rousseau (Genebra), sendo discípulo e colaborador de E. Claparède e partilhando a sua visão funcionalista sobre o ensino e a educação. A sua entrada, em 1929, para o Bureau International de l'Éducation (BIE) como director, contribuiu também para que o aprofundamento das questões pedagógicas se continuasse a efectuar (Piaget, 1976a).

Em diversas publicações Piaget, no seguimento de P. Bovet, E. Claparède e A. Ferrière, critica a Escola tradicional por esta não fomentar a cooperação social, mas antes o isolamento e o trabalho individual, conduzindo à passividade do aluno e à obediência cega à autoridade (Piaget, 1928). Naquela é exigido ao professor que seja o transmissor de uma ciência feita e de valores socialmente aceites através de métodos de ensino baseados numa disciplina imposta pelo mais forte e num estudo livresco e reprodutivo de opiniões consagradas (Piaget, 1939).

Contrariamente a tal perspectiva Piaget vai assumir-se como um defensor dos princípios da Escola Nova ou Activa, desenvolvida desde finais do século XIX por grandes pedagogos como Montessori ou Froebel, procurando encontrar nas suas próprias investigações bases psicológicas de apoio às intuições geniais daqueles mestres, na senda aliás de toda a tradição educativa do denominado «Esprit de Genève» (Vidal, 1997).

Desde logo Piaget aceita, mantendo esta posição ao longo da vida, que a finalidade da educação seja a construção de sujeitos autónomos de um ponto de vista social, cognitivo e moral servindo as suas pesquisas, nestes três domínios, como fundamento àquele princípio fundamental da educação<sup>1</sup>. Esta abrange assim a pessoa na sua totalidade

tendo em conta todos os aspectos da personalidade (Piaget, 1931a; 1935a; 1939; 1948), cabendo à Escola a tarefa de criar «um espírito de reciprocidade e cooperação tanto intelectual como moral» (Piaget, 1931a, p. 73) indispensável à persecução daquele objectivo.

O enquadramento histórico dos anos 30 com a subida ao poder na Alemanha e na Itália de partidos fascistas, que desde logo mostraram intenções belicistas, bem como a necessidade de intervir num fórum internacional como o BIE terão contribuído, na nossa opinião, para que Piaget viesse a explicitar o seu pensamento, de que comunga aliás toda a elite intelectual genebrina, quanto aos objectivos da educação chamando a atenção para aspectos mais específicos como a necessidade de construir no sujeito sentimentos de liberdade, solidariedade e paz dentro de uma perspectiva de colaboração entre homens autónomos.

Assim na perspectiva piagetiana, o espírito de solidariedade entre os adultos não se manifestará se não for desenvolvido nas crianças através da construção do respeito mútuo e de regras morais válidas às quais se obedece em liberdade. A solidariedade, dita interna, por oposição à que é imposta coercivamente (externa) surge na medida em que o sujeito é capaz de ultrapassar o egoísmo moral e o egocentrismo intelectual, que dificultam a colaboração com o outro sempre que este apresenta posições divergentes, as quais não vão ser aceites mas antes liminarmente rejeitadas; logo, a verdadeira solidariedade caminha no sentido inverso ao da heteronomia e do egocentrismo (Piaget, 1931a).

Dentro desta mesma perspectiva, uma educação para a paz deveria conduzir o sujeito a ultrapassar os seus próprios pontos de vista, tentando compreender as motivações e as razões invocadas pelo adversário, tendo como finalidade atingir a convergência daqueles com base na cooperação e reciprocidade entre todos; tal conduta não passaria, no entanto, pela subjugação à opinião alheia mas antes pela construção, em conjunto, de posições novas (Piaget, 1934a).

A questão de liberdade foi abordada, de forma mais evidente pelo autor em 1945, num momento histórico particular em que esta noção assumia um valor universal. A criação de homens livres passa, no opinião de Piaget, pela construção de um espírito crítico e de uma inteligência activa; ambos se desenvolverão pela aposta na cooperação entre os pares, sem qualquer forma de coacção a qual conduziria necessariamente à heteronomia moral e à submissão, conceitos opostos ao de liberdade (Piaget, 1945).

## A EDUCAÇÃO INTERNACIONAL — UM INTERESSE PARTICULAR

Dentro dos objectivos gerais atribuídos à Educação e aqui já enunciados, Piaget vai dar, ao longo de três décadas (de 1930 a 1960) que correspondem à época em que desenvolve as suas actividades no BIE, particular relevo à Educação Internacional. Muitas das suas propostas, como iremos notar, mantêm uma actualidade surpreendente devido às dificuldades que as sociedades ocidentais ainda hoje apresentam na aceitação de outras que surjam como diferentes. A abertura política no plano internacional e o contacto entre as nações são, na opinião de Piaget, factores decisivos para que a educação internacional tenha sucesso, uma vez que conduzirão a um melhor conhecimento entre todos os sujeitos e contribuirão para destruir preconceitos e medos infundados (Piaget, 1932b; 1933a).

Que papel cabe então à Escola na promoção destes valores?

Piaget começa por salientar que a educação internacional não deve ter como finalidade fornecer aos alunos «um ideal político, um ideal económico ou um ideal social demasiado preciso» (Piaget, 1933a, p. 120), até porque se desconhece a evolução que o mundo vai apresentar, mas procurar-se-á criar condições para o desenvolvimento do pensamento livre, do espírito crítico e da capacidade para resistir às pressões do meio, relembrando que a solidariedade, a paz e a liberdade devem permanecer como objectivos gerais e universais. Estes últimos não se constroem, no entanto, através da introdução de uma disciplina curricular com essa finalidade, embora possam ser abordadas, através de metodologias activas, em diversos cursos que vão da história à geografia ou à literatura (Piaget, 1933b). A sua construção passa antes pela sua vivência quotidiana, na Escola e na Família, de forma a preparar o homem para a aceitação do outro enquanto portador de uma cultura e de valores diferentes.

De forma muito geral o autor considera que os métodos baseados no trabalho de grupo bem como os de *self-government*, ao desenvolverem a cooperação social e a responsabilização colectiva, contribuirão seguramente para atingir os objectivos pretendidos. Contudo, para além destas metodologias, que devem atravessar toda a organização escolar, há também certas actividades específicas que a Escola poderá promover no sentido de favorecer uma educação internacional. Estão neste caso o conhecimento das Instituições Internacionais, o estudo das línguas estrangeiras, condição absolutamente indispensável ao entendimento entre os povos, bem como a constituição de bibliotecas escola-

res com livros oriundos de outros países (no original ou traduzidos), a criação de grupos de intercâmbio internacional tendo em vista troca de experiências mútuas e mesmo visitas de estudo. Quanto à investigação pedagógica internacional ela é vivamente recomendada por Piaget, desde os anos 30, sobretudo para comparar diferentes práticas de ensino com o intuito de, no futuro, implementar as que melhores resultados apresentem (Piaget, 1931b, 1933-34; 1936; 1951).

Ao olharmos hoje em dia para as recomendações feitas por Piaget sobre os objectivos da Educação e, de forma particular, sobre a educação internacional não podemos deixar de salientar a actualidade das suas propostas e o espírito de abertura democrática que elas encerram. De facto é extraordinário constatar que já nos anos 30 diversos autores, (Vidal, 1997) entre os quais Piaget, consideravam que certas áreas do saber não se deveriam constituir como disciplinas curriculares, mas antes que os seus objectivos seriam melhor conseguidos através da implementação, na Escola, de práticas democráticas e solidárias entre todos, uma vez que tais princípios se constroem pela vivência quotidiana e não pela transmissão de conhecimentos. Igualmente de pôr em destaque é o valor concedido por Piaget à investigação levada a cabo pelos docentes, dentro de um espírito colaborativo internacional, bem como a importância dada ao intercâmbio estudantil.

## A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Outra das temáticas que Piaget abordou de forma inovadora e sistemática, ao longo de muitos anos, prende-se com a própria organização do currículo escolar.

Desde cedo e dentro do espírito da Escola Activa (Piaget, 1928) o autor considerou como essencial ao desenvolvimento sociomoral e cognitivo das crianças a frequência do ensino pré-primário, onde se desenvolveriam actividades espontâneas de verificação bem como trabalhos de grupo, metodologias apropriadas a esta faixa etária e que deveriam ser prosseguidas na Escola Primária evitando criar um fosso entre as práticas de ensino propostas nestes dois momentos da escolaridade.

Na organização escolar destinada aos alunos entre os 12 e os 15 anos Piaget concorda com a existência do denominado *cycle d'orientation* desenvolvido em diversos países europeus a partir dos anos 40, o qual implica a existência de diversas vias de ensino-aprendizagem, de acor-